

O ESPELHO E O TRANSPARENTE CONTEMPLADOR

*Elizabeth Gonzaga de Lima**

*Ó espelho!
Água fria pelo tédio em teu quadro gelada
Quantas vezes e durante horas, desolada
Dos sonhos, e buscando minhas lembranças que são
Como folhas sob teu vidro de poço profundo
Apareci-me em ti como uma sombra longínqua
Mas, horror a mudez do meu sonhar disperso!
Mallarmé*

No conto “O espelho”, inserido no livro *Primeiras estórias*, Guimarães Rosa deixa a trilha dos sertanejos e segue o itinerário dos questionamentos de um homem urbano culto. Parte de um objeto de uso cotidiano, o espelho – as dúvidas o levam a reflexões profundas relacionadas à própria existência do ser.

O texto é construído de forma dialógica, o narrador-protagonista é um interlocutor virtual. O primeiro relata sua experiência, tentando conferir credibilidade ao dito, enquanto o segundo é desafiado a crer e a formular uma possível explicação. Porém, essa tarefa não se realiza, instaurando o tom de monólogo à narrativa.

A grande inquietação do protagonista é a dúvida sobre o que seria um espelho. A partir dessa questão, uma curiosidade palpitante o leva a percorrer um labirinto de experiências e situações bizarras. Primeiro ele se desconhece, *Deu-me náusea, aquele homem, causava-me ódio e susto, eriçamento, espavor. E era – logo*

* Especialista em Literatura Brasileira pela PUC-MG.

descobri... era eu mesmo! A partir desse momento passa a procurar a si mesmo, *Desde aí, comecei a procurar-me*. Em seguida, se perde em seus experimentalismos, *Simplesmente lhe digo que me olhei num espelho e não me vi. Não vi nada*, para finalmente se encontrar, não como era a princípio, mas numa forma indefinível, *E... Sim, vi a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não este, que o senhor razoavelmente me atribui. Mas o ainda nem-rosto*. No fim do conto as dúvidas são retomadas, porém numa dimensão complexa, *Você chegou a existir?*

Tudo é a ponta de um mistério

Espelho e especulação originam-se do mesmo vocábulo latino, *speculum*, sendo o primeiro termo a designação do objeto utilizado para refletir imagens e o segundo, refere-se a observação minuciosa de algo (Ferreira, 1986:702). O diálogo-monólogo é desencadeado a partir da especulação do narrador, diante do caráter, da natureza e função do espelho.

O percurso narrativo aponta duas dimensões opostas, o concreto e o transcendente, análogos ao real e ao imaginário. A princípio, o narrador tenta se fixar no concreto, especulando objetivamente sobre o espelho enquanto objeto, conferindo até valor moral a este, *Há os “bons” e “maus”, os que favorecem e os que detraem; e os que são apenas honestos, pois não*. À medida que avançava em suas conjecturas racionais, aumentava a sua preocupação em oferecer ao interlocutor um conhecimento fidedigno, para isso, segue testando o canal receptor, *“E então”, “Dúvida?”, Vejo que começa a descontar um pouco de sua inicial desconfiança, quanto ao meu são juízo*. Das observações pragmáticas, toca rapidamente na esfera mítica aludindo à tragédia narcísica e na esfera das superstições populares, *Sou do interior, o senhor também; na nossa terra, diz-se que nunca se deve olhar em espelho às horas mortas da noite, estando-se sozinho*. Nesse ponto, a pesquisa pessoal dá lugar à experiência pessoal de um encontro

aparentemente cotidiano e banal consigo mesmo, para o enfrentamento com uma figura desconhecida, *desagradável ao derradeiro grau*, porém como num pesadelo, era a si mesmo que encontrara.

A não aceitação da própria imagem pelo homem é decorrente do desejo de ser e estar sempre belo, para si e para os outros. Por isso, estranhar a própria aparência, é motivo para desacreditar na crueldade do espelho ou não acreditar na própria existência do ser revelado por ele.

Um narciso às avessas

A sedução pela própria imagem tem oferecido à literatura páginas belíssimas, onde a fascinação e o terror são uma constante. O mais conhecido amante de si próprio, Narciso, segundo a mitologia, vai ao lago, senta-se calmamente, e, rodeado por uma natureza exuberante e sensual, passa a observar minuciosamente as águas tranqüilas. Logo ele passa a se contemplar no espelho das águas e a desejar àquela imagem (Bachelard, 1989: 23). Fatalmente, mergulha para o desejo e para a morte, pois o seu objeto do desejo era o “outro” que morava no “eu”, daí a impossibilidade do encontro.

Segundo Junito de Souza Brandão (1987:186), o neoplatonismo vê Narciso como vítima de uma ilusão. *Esse esquema neoplatônico vê o mitolograma com o mito equivalente a queda da alma na matéria. É precisamente, nessa visão neoplatônica que o símbolo do espelho é tão importante.* O autor prossegue apresentando a análise do Prof. Manuel Antônio de Castro, *o espelho é o lugar a partir do qual, especulando, colhemos o que somos e não somos. O espelho funciona, dessa maneira, para estimular na alma um desejo pelo corpo, pelo distinguível, pela particularidade. Para os neoplatônicos este movimento simboliza igualmente uma queda da unidade na multiplicidade, do uno no muito, do pleuroma na criatura.*

O protagonista roseano mergulhou, por assim dizer, em busca de si mesmo no espelho. Contrariamente a Narciso, não por amor,

mas pelo horror ao reflexo de si mesmo. Levado pela angústia da verdade ou da (in) verdade, se lançou a variados experimentalismos, ou *operava com toda sorte de astúcias: o rapidíssimo relance, os golpes de esquelha, a longa obliquidade apurada, as contra-surpresas, a finta de pálpebras, a tocaia com a luz de-repente acessa, os ângulos variados incessantemente*. Como num labirinto de espelhos, uma conclusão o empurrava a outra questão mais ampla, produzindo a sensação de não ter saído do mesmo lugar, apesar de ter caminhado.

Nessa andança labiríntica, emerge uma tríade simbólica extremamente interessante. A princípio, o objeto da grande especulação, o espelho, simboliza a sabedoria e o conhecimento, além de ser uma manifestação que reflete a inteligência criativa. Essa inteligência refletida pelo espelho torna-o o símbolo solar, mas ao mesmo tempo é símbolo lunar, pois a lua, análoga ao espelho, reflete a luz do Sol. Na tradição Veda, o espelho é a miragem solar das manifestações, simbolizando a sucessão de formas, a duração limitada e sempre mutável das coisas e, no Japão, é símbolo de pureza perfeita da alma, da reflexão de si na consciência (Chevallier, 1996: 393-396, 653,790). A possibilidade da contemplação é oferecida pelo órgão da visão, o olho, este por sua vez, igualmente, é símbolo do conhecimento, da percepção sobrenatural. A visão dualística permitida por ele é igualmente uma percepção mental: a alma tem dois olhos, um olha o tempo, o outro está voltado para a eternidade. Bachelard questiona, *Nossos olhos não serão essa poça inexplorada de luz líquida que Deus colocou no fundo de nós mesmos?*(op. cit.: 33) O narrador também percebe o caráter misterioso dos olhos, *Olhos contra os olhos. Soube-o: os olhos da gente não têm fim. Só eles paravam imutáveis, no centro do segredo*. Completando a tríade, o rosto é um desvendamento, incompleto e passageiro, da pessoa. O rosto é símbolo do que há de divino no homem, do mistério, é como uma “porta para o invisível”, simbolizando a evolução do ser vivo das trevas à luz.

A tríade simbólica revelou uma constante ambivalência,

retratando a própria busca do narrador, ver/não ver, estar/não estar. Na especulação sobre o próprio rosto, percebe o dinamismo das feições, (...) *o rosto, mudava permanentemente*. Essa conclusão o leva a pensar no rosto com uma máscara, mas onde estaria a forma verdadeira? Essa máscara externa seria resultado do quê? Deu um novo rumo as suas investigações, procurando encontrar correspondências entre a sua aparência e a dos animais. Em seguida, passou a bizarros métodos empíricos, *gradações de luzes, lâmpadas coloridas, pomadas fosforescentes na obscuridade*. Depois de meses perseguindo o concreto, o real, a fraqueza o abateu e preferiu abandonar as investigações sem o resultado almejado.

O sequestro do “eu” no espelho

O primeiro terror do protagonista foi deparar-se consigo mesmo, enquanto o segundo, em oposição, foi não encontrar-se. Esse fato o leva a apelar ansiosamente ao interlocutor pela credibilidade em relação a sua experiência, *Desculpe-me, não viso a efeitos de ficcionista, inflectindo de propósito, em agudo, as situações. Simplesmente lhe digo que me olhei no espelho e não me vi*. Obviamente que o interlocutor e o leitor, diante de tal fato, não conseguem mais operar o raciocínio no campo da realidade, jogando as reflexões para a esfera do imaginário, certamente lugar propício para a experiência. O próprio narrador, motivado pela angústia ambivalente do estar frente ao espelho e ao mesmo tempo não estar, troca as questões concretas do pesquisador racional, por questões transcendentais, *Não haveria em mim uma experiência central, pessoal, autônoma? Seria eu um... des-almado?*

A questão da existência da alma tem sido perseguida, incansavelmente, por filósofos, teólogos, literatos, porém, o mistério persiste. No campo simbólico, sugere uma força supranatural, um espírito, um centro energético e na análise psicanalítica de Jung, a alma possui um caráter ambivalente – terrena pelo contato com a imagem maternal de natureza e celeste, porque o inconsciente almeja

ardentemente a luz da consciência. (Chevallier: 1996: 36)

A esfera imaginária revelou, paulatinamente, que a busca da verdade no espelho metaforiza a busca pessoal pela própria alma ou na acepção junguiana, a luz da consciência. O narrador, depois das variadas andanças na perseguição à verdadeira imagem no espelho, sinaliza com esperança, *Só então, só depois: o tênue começo de um quanto como uma luz, que se nublava, aos poucos tentando-se em débil cintilância, radiância. (...) Que luzinha, aquela, que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa?* O processo de se desconhecer, se perder e finalmente se encontrar, descortina a profundidade do ser para um novo nascimento, assim como na alegoria platônica da libertação das sombras da caverna para se elevar ao plano do conhecimento, da luz. (Platão, 1991: XXI)

Intersecção de planos

O final do conto não finaliza os questionamentos, mas eles são retomados. Porém, o narrador passa ao interlocutor a ansiedade sobre a vida, *Se sim, a “vida” consiste em experiência extrema e séria; sua técnica – ou pelo menos parte – exigindo o consciente alijamento, o despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que a atulha e soterra? (...) E o julgamento-problema, podendo sobrevir com a simples pergunta: - Você chegou a existir?*

As questões suscitadas pela personagem nos remetem a concepção heraclitiana do movimento, da mudança. O protagonista, ao longo da narrativa, defronta-se com a mutabilidade de sua forma: parece/não parece, está/não está, ver/não ver, aprofundando para o ser/não ser. Para Heráclito, os contrários coincidem de certo modo: há entre eles não só unidade, mas ainda *identidade*. Ele ilustra este pensamento pela imagem da circunferência de um círculo, cujo *começo e fim coincidem*, seja em que ponto for. (Kessidi, 1976: 17)

A identidade dos contrários no texto roseano pode ser

explicada na intersecção das dimensões do real e do imaginário, pois a visão do real no espelho permitiu a especulação pelo campo imaginário, através de questões extremamente fugidias, até certo ponto abstratas, porém, paradoxalmente concretas na vida humana.

Guimarães Rosa nos leva a refletir, a especular sobre um mundo, onde o ser humano não vive apenas em um plano, no real ou no imaginário, mas na intersecção deles. É impossível separar radicalmente o concreto do transcendente, pois o universo humano é lugar onde essas manifestações se unificam, a ponto de não se distinguir suas fronteiras limítrofes.

Bibliografia

- ALVES, Rubem. "A madrasta e o espelho". In: *O retorno eterno: crônicas*. 7a. ed. Campinas: Papirus – Speculum, 1996.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- BRANDÃO, Junito de Souza. "O mito de Narciso". In: *Mitologia grega*. V.II. Petrópolis: Vozes, 1987.
- CHEVALLIER, Jean. *Dicionário de símbolos*. 10a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- CORBISIER, Roland. Plotino. *Introdução à filosofia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- _____. "Metafísica". In: *Enciclopédia filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- KESSIDI, T. *As origens da dialética materialista*. Lisboa: Prelo, 1976.
- PLATÃO. "O mundo perfeito da idéias". In: *Vida e obra*. 5a. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p.XV-XXI. (Coleção os

Pensadores).

ROSA, João Guimarães. “O espelho”. In: *Primeiras estórias*. 14. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.